

Circuitos comunicativos e construção da cidadania no ciberespaço: tramas do sentido em redes de *weblogs*

RESUMO

A idéia de circuito comunicativo, no mundo contemporâneo, está associada ao processo da comunicação mediada e à sua complexidade. Com o objetivo de verificar qual o papel dos circuitos na formação de redes e na construção da cidadania, procurou-se mostrar como se caracterizam os circuitos, a partir do estudo realizado em *weblogs*.

ABSTRACT

The communicative circuit is associated, currently, to mediated communication and to the complexity of this process. Our objective is to verify how the circuit dynamics contributes to generate the networks and the citizenship development in cyberspace.

PALAVRAS-CHAVE (KEY WORDS)

- comunicação e cidadania (*communication and citizenship*)
- circuitos comunicativos (*communicant circuits*)
- mídia digital (*digital media*)

Adriano Warken Floriani

CEULP/ULBRA

Valdir Jose Morigi

UFRGS

AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO e da comunicação, associadas à globalização da economia, vêm contribuindo para pôr em xeque os valores do Estado-nação moderno, modificando a concepção de cidadania vinculada ao exercício de direitos e deveres num território geográfico. A noção de contrato social perde o sentido para dar lugar a socialidades eletivas.

Ao invés dos laços comunitários tradicionais, surgem novas formas do “estar-junto” associadas às mídias. A comunicação e a informação assumem posição central no mundo contemporâneo. O processamento dos sentidos ocorre de forma circular, envolvendo seleções nas três dimensões do circuito comunicativo: a produção, a transmissão e a aceitação (ou não) das informações.

Com a internet, os indivíduos passam a intercambiar informações em rede, tornando-se ao mesmo tempo emissores e receptores. Dentre as novas práticas na internet, os *weblogs* vêm sendo apropriados como ferramentas de expressão e de visibilidade, de crítica da realidade social, de reivindicação de direitos e também da construção de si por meio de narrativas.

A disseminação de idéias nos *blogs* possibilita a expressão de antagonismos, assim como identificações e intercâmbios de informações, acionando circuitos comunicativos e gerando tramas de sentidos na rede.

Novas configurações do espaço público e da cidadania

As transformações culturais da sociedade contemporânea, associadas à globalização econômica e às tecnologias da informação e da comunicação, vêm contribuindo para modificar a noção do que é “público”, na medida em que desvalorizam o estado nacional, até há pouco o único espaço do caráter coletivo e do exercício da cidadania. Hannah Arendt (1989) entende a esfera pública como o mundo comum, como um espaço intermediário que ao mesmo tempo separa e estabelece uma relação entre os indivíduos. Qualquer lugar pode se tornar espaço público quando se torna espaço de poder, de ação comum coordenada por meio do discurso e da persuasão.

Arendt entende que a realidade do mundo é garantida pela presença dos outros, pois é aquilo que aparece a todos que garante a existência. Portanto, é aquilo que ela chama o “espaço da aparência” que precede a existência de uma esfera pública. A própria subjetividade tem uma espécie de existência incerta e obscura, a não ser que, e até que, seja transformada, desprivatizada e desindividualizada, de modo a se tornar adequada à aparição pública.

Assim, ser visto e ouvido por outros é importante pelo fato de que todos vêem e ouvem de ângulos diferentes. Pois, conforme Arendt, o mundo comum acaba quando é visto somente sob um aspecto e só se lhe permite uma perspectiva. Na cidade-estado grega, a esfera pública era reservada à individualidade. A *pólis* era permeada de um espírito agonístico: cada homem tinha constantemente que se distinguir, demonstrando que era o melhor de todos. Já nas sociedades modernas, há um espírito associativo impelindo os homens a agirem em conjunto, e o comportamento passa a substituir a ação como principal forma de relação humana. Arendt vê esse processo como resultado da oclusão do político pelo social. A autora associa, portanto, a ascensão do social ao declínio do espaço público na modernidade.

[...] a sociedade espera de cada um dos seus membros um certo tipo de comportamento, impondo inúmeras e variadas regras, todas elas tendentes a “normalizar” os seus membros, a fazê-los “comportarem-se”, a abolir a ação espontânea ou a reação inusitada (ARENDR, 1989, p. 50).

Na chamada sociedade da informação, o conceito de espaço público revela-se mais complexo, contraditório e plural do que aqueles elaborados pelas grandes correntes teóricas representadas por H. Arendt, ou ainda por Jürgen Habermas e Wright Mills. Muito do entendimento da forma como lidamos com os assuntos de natureza política e social está ainda condicionado por uma visão que tem suas raízes no espaço público clássico, racionalista, que enfatiza a possibilidade de reunião dos indivíduos numa situação de co-presença para discutirem assuntos acerca dos quais comunguem uma preocupação comum (CORREIA, 2004).

A noção de espaço público hoje não pode desconsiderar o caráter afetual das relações sociais, a importância do “imaginal”, e o impacto das tecnologias da informação e da comunicação na formação de redes baseadas em socialidades eletivas (MAFFESOLI, 1997; 1998). Com as mídias, é toda a concepção de política, de cidadania e de relação entre subjetividade e mundo social que se transfigura. Os meios de comunicação de massa e, mais recentemente, as mídias digitais, transformaram a organização espacial e temporal da vida social, criando novas formas de ação, de interação e de exercício do poder.

O conceito de cidadania, enquanto direito a ter direitos, foi abordado a partir de variadas perspectivas, embora nunca tenha sido uma idéia central nas ciências sociais (VIEIRA, 2001). Parte considerável das abordagens sobre o tema estão concentradas na análise da relação de indivíduos com instituições sociais, políticas e econômicas no espaço de um território geográfico.

co. No mundo contemporâneo, em que as trocas simbólicas ocorrem de forma cada vez mais desterritorializada, as relações entre cidadania, subjetividade e comunicação estão imbricadas.

Os impactos transformadores da globalização atingiram em profundidade a cidadania democrática na sua dupla natureza, como modo de legitimação e como meio de integração social, como *status* legal igualitário de direitos e deveres dos membros da comunidade política e, simultaneamente, como identidade coletiva baseada no pertencimento à comunidade nacional de origem e destino (VIEIRA, 2001, p. 221).

Numa abordagem que se tornou clássica, Marshall (1967) define a cidadania como um *status* vinculado à condição de pleno membro de uma comunidade, atribuindo igualdade no que respeita aos direitos e deveres que lhe estão associados. Assim, sociedades diferentes atribuirão direitos e deveres diferentes ao *status* de cidadão. Três partes ou elementos de cidadania distintos que podem ou não estar presentes em qualquer constituição de cidadania são identificados por Marshall: os direitos civis (primeira geração), os direitos políticos (segunda geração) e os direitos sociais (terceira geração).

O problema de quem pode exercer a cidadania, e em que termos, não é apenas uma questão de âmbito legal e da natureza formal dos direitos que ela implica (MARSHALL, 1967; BARBALET, 1989). É também uma questão de capacidades não-políticas dos cidadãos, derivadas dos recursos sociais e simbólicos que eles dominam e a que têm acesso. Assim, a degradação da política e a descrença em suas instituições vêm contribuindo para fortalecer outros modos de participação.

Garcia-Canclini (1999) destaca que o consumo privado de bens e dos meios de comunicação fornecem hoje mais respostas aos cidadãos do que as regras abstratas da

democracia ou mesmo a participação coletiva em espaços públicos. Os meios eletrônicos vêm deslocando o desempenho da cidadania em direção à cultura e às práticas do consumo.

Foram estabelecidas outras maneiras de se informar, de entender as comunidades a que se pertence, de conceber e exercer os direitos. Desiludidos com as burocracias estatais, partidárias e sindicais, o público recorre à rádio e à televisão para conseguir o que as instituições cidadãs não proporcionam: serviços, justiça, reparações ou simples atenção. (GARCIA-CANCLINI, 1999, p. 50).

Vemos, portanto, a cultura como base da solidariedade mais do que a identidade nacional ou de classe. Nas sociedades midiáticas, grande parte dos cidadãos não se interessa pela vida política e não crê nos grandes projetos coletivos. A identidade fragiliza-se, mas as diferentes identificações, em contrapartida, multiplicam-se. Cada um só existe no e pelo olhar do outro. No mundo atual, a “ambiência emocional” toma o lugar da argumentação e o sentimento substitui a convicção (MAFFESOLI, 1997).

Covre (1999) argumenta que a “revolução” por uma sociedade melhor, objetivo da cidadania, passa justamente pela revolução nas subjetividades, o que envolve o desenvolvimento de competências simbólicas. Formas simbólicas essas que, no entendimento de Bourdieu (1989), são os instrumentos por excelência da integração social e também do exercício do poder. Nesse sentido, Santos (2004) cunhou a expressão “cidadania interativa”, objetivando destacar a relevância do processo de interação social para o exercício da cidadania, processo no qual os recursos simbólicos assumem um papel preponderante.

Por “cidadania interativa”, o autor entende a situação na qual indivíduos dominam os recursos simbólicos necessários para estabelecer relações na sociedade,

consideradas como pré-condição indispensável para o reconhecimento do indivíduo por uma determinada comunidade e também por outros indivíduos. De acordo com Santos (2004, p. 130), “[...] os recursos simbólicos atuam como complemento aos recursos políticos, econômicos e sociais disponíveis aos indivíduos para que possam exercer satisfatoriamente sua condição de cidadão”.

Se a visão racionalista de espaço público, na perspectiva clássica, é insuficiente para pensarmos as relações sociais e políticas num mundo mediado pelas tecnologias digitais, podemos concordar com Correia (2004) sobre a possibilidade de existir uma pluralidade de espaços públicos mediados. Assim, a intervenção política e o exercício da cidadania passam também por hipóteses alternativas de uso das mídias.

[...] as transformações verificadas na circulação de informação podem permitir a formação de *media* comunitários, ligados a comunidades, espaços públicos e movimentos de interesses específicos, elaborados por membros que procuram através deles obter mais força política, maior poder de negociação, mais impacto e visibilidade (2004, p. 38).

Com a explosão das redes interativas multimídias, como a internet, aparece uma nova classe de cidadãos: numerosas pessoas, de diversos horizontes, que desejam expressar-se. Assim, as práticas de cidadania, nesta época globalizada, não podem ser desvinculadas das atividades através das quais sentimos que pertencemos, que fazemos parte de redes sociais.

Circuitos comunicativos em redes de *weblogs*

A noção de rede vem sendo bastante utilizada para se pensar a estruturação social na contemporaneidade. Resgatando seu sentido mais literal, rede refere-se a um en-

treçamento de linhas, a um conjunto de nós interconectados, remetendo, assim, à forma, à morfologia de um sistema. Comunicação em rede, sociedade em rede, portanto, são expressões para significar a interconexão de elementos, processos, sentidos que marcam as relações comunicativas e a construção da vida social (CASTELLS, 1999; FRANÇA, 2002).

É, portanto, pela mediação das tecnologias digitais que os indivíduos trocam informações e se comunicam, produzindo uma trama de sentidos sobre si, sobre os outros e sobre o mundo. Em torno dos valores que lhe são próprios, os grupos sociais dão forma a seus territórios, a suas ideologias, às suas tribos, formando redes baseadas em afinidades. Os *weblogs*, *fotologs* e o *Orkut* são exemplos dessas manifestações no ciberespaço, entendido como ambiente midiático. Nas diferentes redes, as identificações de caráter tribal levam os indivíduos a participarem daquilo que Araújo (1999) denomina de “circuitos comunicacionais”, desenvolvendo ações de recepção, geração e transferência de informações.

Fonseca (1998) define os “circuitos comunicativos” buscando captar a mobilidade das instâncias envolvidas no processo comunicacional presentes nos caminhos possíveis dentro de uma rede:

Em um primeiro plano, circuitos comunicativos seriam como caminhos ou redes de relações que aparecem para os sujeitos como possibilidades no enfrentamento de situações concretas. Em outro plano, os circuitos seriam também caminhos através dos quais o sentido se produz e como tal aparecem como possibilidades dentro de uma rede possível de sentidos. (FONSECA, 1998, 40).

Conforme a pesquisadora, devemos nos ater não apenas aos processos de produção, recepção ou distribuição das mensagens, mas na relação que se estabelece entre os sujeitos. No ciberespaço, é possí-

vel analisar o circuito, na medida em que o pólo de emissão está liberado, configurando o sujeito em emissor, receptor e ator social, produzindo textos que são representações de representações. Estão implicados, portanto, os aspectos comunicacionais, subjetivos e de sociabilidade.

O circuito comunicativo, portanto, possui uma face “externa” (objetiva) e outra “interna” (subjetiva). A face externa envolve a sociabilidade, é o processo comunicativo como fenômeno, presente nas informações trocadas entre sujeitos e materializadas na linguagem escrita (narrativas). A face interna envolve a subjetividade e a mobilidade do sentido produzido pelas informações acessadas, remetendo às representações da realidade e ao imaginário social. Com o auxílio de outros autores, entendemos que é possível ampliar e enriquecer o conceito de circuito comunicativo, procurando demonstrar como ocorre sua dinâmica nas redes que se estabelecem a partir das narrativas dos *weblogs*, como veremos.

Primeiramente, embasando-nos em Luhmann (1996), podemos pensar o circuito comunicativo como um sistema que se auto-produz, emergente em cada instante, em que a comunicação é construtora da sociedade. O processamento dos sentidos e a reprodução da comunicação no sistema/circuito se dão a partir de uma síntese de três diferentes seleções: a) a seleção da *informação*, b) a seleção do *ato de comunicar* e c) a seleção que se realiza no *ato de entender* (ou *não entender*) a *informação* e o *ato de comunicar*. Assim, o movimento do sentido é contínuo, gerando diferenciações e ao mesmo tempo tornando o circuito passível de encontrar atos conexos.

Entendemos ainda o circuito comunicativo como um processo sócio-cultural de produção, veiculação e absorção dos fatos do cotidiano, que atua na construção social da realidade a partir de experiências compartilhadas do mundo (BERGER, LUCKMANN, 1978). Se a sociedade pode ser concebida como uma realidade ao mesmo tempo objetiva e subjetiva, a relação do ho-

mem com o mundo social é, pois, dialética, ou seja, um atua sobre o outro.

Essa relação entre os indivíduos e a sociedade está perpassada por representações individuais e coletivas (DURKHEIM, 1975). Os *blogs* nada mais são do que representações individuais na rede. Os intercâmbios entre os “blogueiros” geram representações coletivas, que têm a capacidade de se tornarem realidades parcialmente autônomas atuando sobre a organização da sociedade. As representações individuais interagindo entre si e as relações destas com as representações coletivas se dão de forma circular e dialógica. Estamos falando, pois, dos circuitos comunicativos, que agem na interface entre o imaginário social, “fonte” das representações, e a construção social da realidade. Ou seja, diferentes representações podem se originar a partir das redes de *blogs*, contribuindo para a construção social da realidade.

As representações estão, pois, em relação com o imaginário social. O processo narrativo do cotidiano, presente nos *blogs*, surge impregnado de elementos provenientes do imaginário e da memória cultural coletiva e mistura-se com a realidade objetiva dos fatos reportados. Os *blogs*, como “tecnologias do imaginário” (SILVA, 2003), são nós de conexão, pontos de rede que constituem o imaginário. Assim, o imaginário é, ao mesmo tempo, uma fonte racional e não-racional de impulsos para a ação.

A relação entre os circuitos e as redes de *blogs* permite ainda associarmos a construção da cidadania no ciberespaço à interdiscursividade presente nas narrativas. Interdiscursividade entendida a partir do que Bakhtin denominou *polifonia*: o entrelaçamento, num texto, de vestígios de outros textos preexistentes (PINTO, 1999). Podemos dizer, portanto, que a cidadania se constrói, no ciberespaço, por intermédio de circuitos comunicativos, formadores de redes interdiscursivas. Os circuitos são acionados a partir da expressão do “mundo interior” na linguagem narrativa. As narrativas criam significações sociais, sendo pro-

dutos culturais inseridos em certos contextos históricos. O texto e suas significações são o nexos entre a produção e o consumo, entre o ato de enunciar e o ato de interpretar (MOTTA, 2004).

Assim, organizados em redes, os indivíduos têm a possibilidade de expressar “desvios”, contestações, críticas, construindo uma visão de mundo diferente daquela presente nos discursos “oficiais”. A pluralidade de idéias e a diversidade de visões de mundo são garantidas, portanto, pela existência de antagonismo no corpo social. Com Morin (2002), podemos relacionar o circuito comunicativo a uma mediação complexa ao integrar ordem, desordem, acasos, interações e organização. Para que haja organização, é preciso interações. Para que haja interações é preciso encontros. Para que haja encontro é preciso desordem, acaso. Em outras palavras, o circuito liga e associa em organização o que, de outra forma, seria divergente e dispersivo. Significa que o fim do processo alimenta o início.

Aquém do circuito, nada: não o nada, mas o inconcebível e o desconhecível. Aquém do circuito, não há essência, não há substância, não há nem real: o real se produz através do circuito das interações que produzem a organização, através do circuito das relações entre o objeto e o sujeito. (MORIN, 2002a, p. 461).

A presença do caos no circuito é a presença ativa permanente, necessária, criativa, ameaçadora, da desordem e do antagonismo. Para que haja antagonismo, portanto, é preciso que haja o livre fluxo da comunicação. Ou, dito de outra forma, para construir uma cultura democrática é preciso existir o direito de comunicar, que possibilita a formação de circuitos comunicativos no ambiente midiático.

Ramos (2002) defende o direito à comunicação como um novo direito social, que pode ser considerado de “quarta geração”, embora na prática ainda esteja longe

de ser reconhecido como tal. Esse direito pressupõe o acesso dos indivíduos às formas mediadas de comunicação, envolvendo tanto as competências simbólicas quanto a democratização dos meios. O direito à informação, que integra a primeira geração de direitos de cidadania, é considerado hoje insuficiente para garantir a democracia.

A emergência dos *weblogs*, conforme Lemos (2002), está associada justamente às novas possibilidades que as tecnologias trazem de liberação do pólo da emissão, permitindo comunicar, e não apenas receber informações. A liberação do emissor (relativa, como toda liberdade, mas ampliada em relação às mídias de massa) cria o atual excesso de informação, mas também possibilita expressões livres, múltiplas.

O termo *weblog* é um jargão derivado da união das palavras inglesas *web* (rede) e *log* (diário de bordo onde os navegadores registravam os eventos das viagens, principalmente aqueles ligados ao clima). O que distingue os *weblogs*, ou simplesmente *blogs*, das páginas pessoais e de outros sites da internet é a facilidade com que podem ser criados, editados e publicados, sem a necessidade de conhecimentos técnicos específicos.

As ferramentas de comentários, normalmente disponíveis nos *blogs*, possibilitam aos internautas deixar observações, elogios e críticas sobre os textos (*posts*) publicados em *blogs* de outras pessoas. Assim, essas ferramentas podem constituir fóruns de discussão sobre temas diversos, incluindo questões relacionadas à política. Os recursos de interatividade possibilitam, pois, o intercâmbio de informações e a formação de circuitos comunicacionais. Recuero (2002) sustenta que os espaços de interação em um *blog* auxiliam na criação de *webring*s, ou seja, círculos de “blogueiros” que interagem no ambiente midiático, construindo uma rede hipertextual dialógica e complexa. Nesse sentido, Rodrigues (2004) chega a comparar os *blogs* a uma *ágora* na internet:

[...] os *blogs* constituem um espaço

onde qualquer pessoa (que tenha acesso à Internet) pode dizer o que pensa sobre um determinado assunto, um espaço que proporciona a troca de conhecimento e muitas vezes impulsiona o debate. Transpomos assim a *ágora*, que ocupava na sua gênese um espaço físico, uma praça pública delimitada, para um espaço virtual proporcionado pela Internet. (2004, p. 29).

Canavilhas (2004) realizou pesquisa sobre *blogs* políticos em Portugal e obteve resultados interessantes sobre sua validade como instrumentos de construção da cidadania. As duas razões mais fortes apontadas por internautas portugueses para a criação de um *blog*, segundo o pesquisador, são a vontade de “informar e ser informado” e a necessidade de “ter uma intervenção cívica”.

Interdiscursividade e representações

Os circuitos comunicativos, como procuramos mostrar, envolvem a articulação entre a realidade objetiva e a subjetividade. A dinâmica do circuito concebe a comunicação como um processo circular que aciona a produção, a difusão e o uso/aceitação de informações, contribuindo para a construção social da realidade, a partir da interdiscursividade e das representações geradas nas redes de *weblogs*. Assim, é possível pensarmos a possibilidade de transformação do mundo social a partir da organização dos indivíduos/blogueiros em redes, expressando antagonismos e modificando a representação do mundo que contribui para a sua própria realidade.

Argumentamos ainda que as mídias digitais reconfiguram a noção de cidadania vinculada ao exercício de direitos e deveres num determinado território geográfico, dando lugar a novas práticas sociais e culturais baseadas no sentimento de pertença associado às redes que se formam no ambi-

ente midiático, a partir de socialidades eletivas. No mundo contemporâneo, a cidadania passa, portanto, além do direito à informação, pelo direito de comunicar, pelo direito de nomear o mundo e contribuir assim para a construção das representações deste mundo cada vez mais interconectado. Diferentes visões do mundo pressupõem antagonismo, entendido como complementar na dialógica sócio-cultural, e, portanto, necessário para o aprofundamento da cultura democrática.

Em sociedades complexas e paradoxais como a nossa, a comunicação e a informação, emergentes a cada instante, são construtoras da realidade ao criar vínculos sociais entre indivíduos dispersos no tempo e no espaço. Com a idéia de descrever o processo comunicacional e a produção do sentido numa relação circular, ou seja, num circuito comunicativo, procuramos mostrar a natureza dinâmica e complexa da informação e da comunicação no mundo contemporâneo, em que as formas simbólicas mediadas dão sentido às nossas experiências e redefinem constantemente nossa própria subjetividade. Os circuitos comunicativos envolvem, pois, a linguagem, forma simbólica por excelência, responsável pela integração social, as mobilidades subjetivas possíveis na contemporaneidade e a organização dos indivíduos em redes de afinidades eletivas .

Referências

- ARAÚJO, Eliany Alvarenga de. *Informação, sociedade e cidadania: gestão da informação no contexto de organizações não-governamentais (ONGs) brasileiras*. Ciência da Informação, Brasília, v. 28, n. 2, p. 155-167, mai./ago. 1999.
- ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.
- BARBALET, J.M. Teorias da cidadania. In: *A cidadania*. Lisboa: Editorial Estampa, 1989. pp 11-24.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *A construção social*

- da realidade*: tratado de sociologia do conhecimento. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1978.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- CANAVILHAS, João. *Blogues políticos em Portugal: o dispositivo criou novos actores?* Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação, 2004. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-politica-e-weblogs.pdf>>. Acesso em: março de 2005.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v. 1). São Paulo, Paz e Terra, 1999.
- CORREIA, João Carlos. *Comunicação e cidadania: os media e a fragmentação do espaço público nas sociedades pluralistas*. Lisboa: Livros Horizonte, 2004.
- COVRE, Maria de Lourdes M. *O que é cidadania?* São Paulo: Braziliense, 1999.
- DURKHEIM, Emile. Representações individuais e representações coletivas. In: *Filosofia e Sociologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1975. pp. 15-49.
- FONSECA, Cláudia G. da. *A comunicação e a produção de sentido sobre a saúde*. Geraes Revista de Comunicação Social, Belo Horizonte, n. 49, p. 39-43, 1998.
- FRANÇA, Vera. Do telégrafo à rede: o trabalho dos modelos e a apreensão da comunicação. In: PRADO, Luiz Aidar (org.). *Crítica das Práticas Midiáticas*: da sociedade de massa às ciberculturas. São Paulo: Hacker Editores, 2002. pp. 57-77.
- GARCÍA CANCLINI, Nestor. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.
- LEMONS, André. *A Arte da Vida: diários pessoais e webcams na Internet*. XI Compós. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2002.
- LUHMANN, Niklas. *Introducción a la Teoría de Sistemas*. Universidad Iberoamericana, 1996.
- MAFFESOLI, Michel. *A transfiguração do político: a tribalização do mundo*. Porto Alegre: Sulina, 1997.
- _____. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.
- MARSHALL, T.H. (1967). *Cidadania, classe social e status*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- MORIN, Edgar. *O método 1: a natureza da natureza*. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. *Narratologia: análise da narrativa jornalística*. (Coleção Textos em Comunicação, Ano II, Vol. 2, No. 5). Brasília: Casa das Musas, 2004. 60 p.
- PINTO, Milton José. *Comunicação e discurso: introdução à análise de discursos*. São Paulo: Hacker Editores, 1999.
- RAMOS, Murilo César. Comunicação, direitos sociais e políticas públicas. In: PERUZZO, Círcia; BRITTES, Juçara (orgs.). *Sociedade da Informação e Novas Mídias: participação ou exclusão?* São Paulo: Intercom, 2002.
- RECUERO, Raquel. *Weblogs webrings e comunidades virtuais*. Trabalho apresentado no GT de Comunicação e Cultura do VII Seminário Internacional de Comunicação, em Setembro de 2002. Disponível em: <<http://www.pontomidia.com.br/raquel/webrings.pdf>>. Acesso em: março de 2005.
- RODRIGUES, Catarina. Blogs: *Uma ágora na Net*. Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação, 2004. Disponível em: <<http://www.labcom.ubi.pt/agoranet/04/rodrigues-catarina-blogs-agora-na-net.pdf>>. Acesso em: março de 2005.
- SANTOS, Hermilio. *Cidadania interativa, comunidade e sociedade: uma análise com prelúdio e três atos*. Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia. Porto Alegre, n. 23, abril 2004. pp. 128-139.
- SILVA, Juremir Machado da. *As tecnologias do imaginário*. Porto Alegre: Sulina, 2003. 111 p.
- VIEIRA, Liszt. *Os argonautas da cidadania*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.